

ACERCA DOS CONHECIMENTOS DE MEDICINA E DE CIRURGIA NA ANTIGUIDADE

Por

O. DA VEIGA FERREIRA

I — PREÂMBULO

Muitas vezes tenho pensado em escrever uma breve síntese acerca dos conhecimentos que a arqueologia tem adquirido sobre a medicina e a cirurgia na antiguidade.

É vulgar, no decorrer dum ano lectivo, rapazes ou raparigas dos cursos de medicina, do Instituto de Serviço Social, de enfermagem, etc., se me dirigirem pedindo esclarecimentos sobre o que há publicado em português acerca de tal matéria.

Em virtude disto apresento agora uma modesta síntese dos apontamentos arqueológicos de medicina e de cirurgia de que tenho conhecimento com a única ideia de proporcionar alguns elementos de consulta rápidos para esses alunos e alunas que quase sempre lutam com dificuldades de bibliografia e de tempo a fim de se documentarem para o prosseguimento dos seus estudos universitários ou escolares.

Não tem pois qualquer fim especulativo o meu modesto trabalho e, se alguma coisa de proveitoso resultar destas minhas notas para esses jovens, isso me compensará das horas que a elas dediquei.

II — A MEDICINA E A CIRURGIA NA PRÉ-HISTÓRIA

Até ao Período neolítico nada se conhece de concreto sobre a medicina e a cirurgia do homem primitivo. Apenas podemos conjecturar

que durante os períodos mais primitivos da humanidade, os feridos nos combates com as feras seriam, ou abandonados à sua sorte, ou a natureza se encarregaria de os curar. É natural que no Paleolítico superior, e dada a avançada cultura desses povos pintores e escultores, existisse já algum rudimento da ciência de curar ou seja de medicina primitiva. Porém não conhecemos nenhum indício seguro ou prova arqueológica.

É sim a partir do Neolítico ⁽¹⁾ que os vestígios começam a surgir em especial com a cirurgia de urgência como no caso da trepanação.

Os investigadores da arqueologia ficaram surpreendidos quando nas suas escavações encontraram crâneos de homens primitivos com provas insofismáveis de trepanação neles praticados. Em França, na Península Ibérica, na América, etc., essas provas são bem demonstrativas ⁽²⁾.

Sem dúvida alguma as trepanações pré-históricas mostram ter sido feitas em vida do indivíduo sujeito à operação, certamente com o fim terapêutico, o que é demonstrado pelo processo de cicatrização dos bordos da brecha óssea.

Qual o fim destas trepanações? É evidente que se destinavam a aliviar o paciente de lesões a que correspondiam sinais externos que impressionavam o homem e o faziam sofrer. Causas traumáticas externas? quedas, pancadas? traumatismos internos? lesões cerebrais? ⁽³⁾.

Seja qual for a explicação dificilmente conseguimos descortinar como e quando o homem primitivo conseguiu descobrir e pôr em prática tal sistema de tratamento com complicada intervenção cirúrgica, mas o que é certo é que o homem primitivo as executou e com utensilagem, muito embora de pedra, de sílex ou de rochas duras

⁽¹⁾ M. Baudouin, «Un cas d'osteite superficielle de la partie moyenne de la face du tibia de l'époque néolithique dans l'ossuaire de Vendret (Seine-et-Marne)». *Arch. Prov. de Chir.*, XVIII, n.º 2 p. 663-667, Paris, 1909.

⁽²⁾ De Nadaillac, «Les trépanations pré-historiques». *Rev. des Questions Scientifiques de Louvain*, 1900.

⁽³⁾ Emile Guiart, «La trépanation crânienne chez les néolithiques et chez les primitifs modernes». *Th. Doct. Médéc.* Bordeaux.

como os escopros ou cinzéis de anfibolito que muito se aproximam dos instrumentos, pela forma, cromados e esbeltos dos nossos dias.

Sobre este tema de trepanação a primeira descoberta em Portugal data de 1880 e foi feita por Nery Delgado ao explorar os níveis superiores da Gruta da Furninha em Peniche ⁽⁴⁾.

Um fragmento de calote craniana humana tem nitidamente um buraco redondo ossificado já com o *torus* cicatrizado por *processus* de crescimento ósseo post-operatório. Não há dúvida que se trata duma intervenção cirúrgica estranha feita por mão humana.

Num período um pouco mais moderno, já no Neo-eneolítico da cultura mista das grutas da bordadura mesozóica ocidental, foram encontrados mais vestígios dessas trepanações. Citamos o crânio da Gruta da Galinha ⁽⁵⁾, os crânios da Gruta das Fontainhas em Montejunto ⁽⁶⁾ e o da Gruta da Cesareda ⁽⁷⁾.

O crânio da Gruta da Galinha (Alcanena) existente no Museu Nacional de Arqueologia de Belém, é um crânio masculino dolicocefalo adulto. O orifício tem a forma elipsóide irregular. Foi aberto na sutura sagital, próximo da coronal ou fronto-parietal; os bordos estão cicatrizados. A cicatriz mostra o *torus* de crescimento ósseo ocupando um espaço arredondado de 12 a 15 centímetros, o que se fez em vida demonstrando real perícia do operador.

Os crânios da Gruta das Fontainhas, em Montejunto, existentes no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal têm cicatrizações ósseas também; mas pelo menos, um deles deixa dúvidas se realmente se trata duma operação cirúrgica ou uma lesão natural, embora cicatrizada.

O crânio de Cesareda é dos mais interessantes. Apresenta o início da operação, mas sem ter sido concluída, talvez por morte do paciente.

(4) Joaquim F. N. Delgado, "La grotte de Furninha à Peniche", *Cong. Int. d'Anthrop. et d'Archeol. Préh.* Lisboa, 1880.

(5) J. Leite de Vasconcellos, "Medicina dos Lusitanos", *Fac. de Medicina de Lisboa*, Lisboa, 1925.

(6) Colecção do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal.

(7) Joaquim F. N. Delgado, "Notícia acerca das Grutas da Cesareda", Lisboa, 1867.

Não podemos excluir, neste capítulo, a trepanação *post-mortem* sem fim terapêutico mas com o de realizar a recolha de amuletos. Isto dava-se quando o morto era um guerreiro ilustre ou homem de qualidades extraordinárias. Então retiravam-se rodela cranianas que seriam usadas como amuleto de coragem pelos guerreiros jovens da tribo. Encontrámos destas rodela na Lapa do Bugio (Estação Isabel-Azóia) ⁽⁸⁾ e têm sido encontradas também noutros locais ⁽⁹⁾.

Mas não é apenas das trepanações que se encontram vestígios. Pelo que podemos supor do homem primitivo pensamos que a dureza da sua vida seria propícia a muitos desastres. Obrigado a lutar pela subsistência e habitação com animais de grande porte, sujeito a esforços muito violentos, com certeza tudo isso se deveria reflectir na sua vida.

Assim, os arqueólogos têm encontrado vestígios de lesões intensas produzidas nos ossos por corpos estranhos que deles foram extraídos certamente por operações cirúrgicas ⁽¹⁰⁾.

As anquiloses provocadas por antigas fracturas são relativamente vulgares em ossos de homens primitivos.

Pontas de flecha de sílex têm sido encontradas dentro de ossos humanos sem que o doente tenha perecido por isso ⁽¹¹⁾.

No caso de ser necessária tal operação, feita sem qualquer recurso técnico, por força, deveria provocar um verdadeiro suplício.

Não está, todavia, isenta a ideia de nessa época haver conhecimentos de rudimentos de singela anestesia.

Sabe-se que certas plantas têm propriedades adormecedoras como a papoila, o cânhamo, o meimendo, etc. ⁽¹²⁾.

⁽⁸⁾ Escavações de R. Monteiro e O. da Veiga Ferreira subsidiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian.

⁽⁹⁾ J. Leite de Vasconcellos, "Religiões da Lusitânia" vol. I, Lisboa, 1897.

⁽¹⁰⁾ Léon Pales, "Paléopathologie et pathologie comparative", Masson, Paris, 1930.

⁽¹¹⁾ E. Cartailiac, «Présentation d'un cubitus percé d'une fleche» *Bull. et Mém. Soc. d'Anthrop. de Paris*, 5.^a série, t. III, n.º 5 Paris, 1902.

⁽¹²⁾ *Hyoscyamus albus* ou *Hyoscyamus niger* planta que contém hiosciamina, alcalóide venenoso e entorpecente. Encontra-se nos terrenos incultos do Norte e Centro de Portugal.

Não podemos acreditar que operações de trepanação ou de fratura de membros não fossem tratadas com uma anestesia, mesmo por muito rudimentar que fosse.

III — DA IDADE DO BRONZE AOS TEMPOS CLÁSSICOS

A medicina e a cirurgia eram muito praticadas na antiguidade clássica.

Sabe-se, por exemplo, que na Assíria no tempo de Asurbanipal a célebre biblioteca de tabuínhas de argila continha imensas referências a tratamentos, medicamentos, operações cirúrgicas, etc. ⁽¹³⁾. Os Assírios chegaram mesmo a empregar uma espécie de anestesia conseguida por compressão dos nervos e vasos sanguíneos da região a operar ⁽¹⁴⁾.

No antigo Egipto perto de Menfis, cerca de 2500 anos a. C., foram descobertas pinturas nas quais se vê representada a prática de pequenas intervenções cirúrgicas. É evidente, que pela atitude das figuras e leitura dos respectivos hieroglifos, os pacientes sofriam bastante. Não creio, contudo, que os Faraós e os altos dignitários sofressem assim. O médico de então era logo morto! De mais, no Egipto, é conhecida desde longa data a papoila do ópio, e não cremos que os sacerdotes egípcios, tão conhecedores da «Ciência Hermética», não conhecessem as suas propriedades adormecedoras ⁽¹⁵⁾.

Simplesmente isso era muito caro e só os ricos poderiam auferir tal anestésico.

O exame das múmias, e em especial depois do advento das radiografias, revelou abundantes vestígios de operações com cicatrizações de imensos tratamentos médicos e cirúrgicos na época. É ainda no exame dos documentos e hieroglifos que se encontram valiosos elementos que permitem hoje fazer a reconstituição da mar-

⁽¹³⁾ G. Contenau, «La vie quotidienne à Babylone et en Assyrie». Paris, 1965.

⁽¹⁴⁾ K. B. Shippen, «Men of Medicine», 1956. London.

⁽¹⁵⁾ Rómulo de Carvalho, «A Ciência Hermética» *Biblioteca Cosmos*, Lisboa, 1947.

cha da cirurgia e da medicina através dos séculos. Têm sido encontrados pequenos estojos de médico-operador da época em toda a gama de apetrechos cirúrgicos fabricados em cobre e em prata ⁽¹⁶⁾.

Sabe-se ainda que pela radiografia das múmias do Egito, em especial dos maxilares, Ramsés II sofria de abscessos dentários ⁽¹⁷⁾.

A descoberta recente de um túmulo no Vale do Deserto, no Egito pôs a descoberto o sarcófago de IMHOTEP que viveu há 4800 anos. foi filósofo e médico e era venerado pelos egípcios como Deus da medicina. Na altura da ocupação greco-romana, IMHOTEP era ainda considerado o Deus da medicina e veio a ser identificado com o Deus romano Esculápio.

No entanto é na antiguidade, na Índia, que se encontram os processos mais evoluídos da cirurgia e grandes aperfeiçoamentos na sua técnica. É também na antiga civilização hindu que se encontram as primeiras referências a substâncias narcóticas utilizadas em anestesia. Nessa civilização encontramos a citação do cânhamo índico e do meimendro como anestésicos cirúrgicos.

Sabe-se também que na lendária China, na dinastia Ming, se utilizava o ópio como anestésico cirúrgico ⁽¹⁸⁾.

Porém, é na Grécia antiga que a medicina e a cirurgia começam a desenvolver-se em ritmo acelerado. Nos poemas homéricos encontram-se referências a intervenções cirúrgicas e, na Odisseia, atribue-se a Helena de Tróia o uso de uma droga, que dissolvida no capitoso vinho grego, acalmava as dores.

Dos trabalhos deixados pelos célebres médicos Hipócrates, Celso e Galeno, conclui-se facilmente como era avançada nesta época a cirurgia e a medicina, realizando-se operações cuja descrição nos causa

⁽¹⁶⁾ No Museu do Louvre, na sala de Egiptologia. Visita de Abril de 1964.

⁽¹⁷⁾ Chapelain-Jaures. La pathologie dans l'Egypte ancienne d'après les momies et les manifestations realistes de l'art égyptien. *Thèse Doct. Med.* Paris, 1920.

⁽¹⁸⁾ Alcaloide tirado duma papoila, *Papaver somniferum* L. (dormideira) que tem os seguintes compostos alcalóides: *morfina*, *codeína*, *narceína*, *narcotina* e *papaverina*.

admiração não só pela justeza do diagnóstico, como pela técnica empregada na própria operação.

A importância da medicina era de tal ordem na velha Grécia que fundaram uma verdadeira religião que era dedicada a Asclepieidon ou Asclépio mais tarde Esculápio dos romanos, divindade da medicina ⁽¹⁹⁾.

Segundo a mitologia, Asclépio seria filho de Isquis, mulher de Apolo, que foi morta juntamente com Coronis, por quem se apaixonara, retirando Apolo o seu filho Asclépio das entranhas da sua mulher morta. Asclépio teria sido educado junto de Chiron e tornou-se, segundo a lenda, mestre na arte cirúrgica e terapêutica, por meio de ervas medicinais. O renome de Asclépio estendia-se de Trica, sua lendária Pátria tessálica, através de todo o mundo helénico.

Os dois principais atributos de Asclépio, a serpente e o bastão, prestam-se a muitas interpretações; as suas representações mitológicas conduzem aos mais diferentes caminhos. A serpente de Asclépio, guardião das Fontes Termiais, podia constituir um aspecto dos atributos benéficos deste animal primitivo. Esta serpente é originária da Europa meridional, mas encontra-se em todos os países que sofreram a influência da civilização grego-romana, sobretudo na proximidade das antigas termas onde os romanos as tinham aclimatado.

A representação da serpente de Asclépio, enrolada em torno da árvore, é alimentada por Anteneia que usa por vezes o nome de Hígia e corresponde à Minerva médica romana. Esta representação ilustra a identidade parcial que existe entre o bastão de Asclépio e a árvore da vida.

Uma das cartas hipocráticas ⁽²⁰⁾ contém a narrativa da festa das Asclepiadas que se realizava todos os anos em Cós e que consistia em ir apanhar o bastão, tal como indica o nome grego desta festa.

O bastão de Asclépio também faz recordar inúmeras e complexas associações. Uma delas faz lembrar as viagens longas de Asclépio

⁽¹⁹⁾ K. B. Shippen, «Men of Medicine», op. cit. p. 27 e seg.

⁽²⁰⁾ Obras de Hipócrates, editadas por Littré, vol. IX.

em todo o mundo grego. O bastão significa assim a dedicação infatigável do médico no longo caminho a percorrer para curar a doença.

O célebre Asclepieion de Pérgamo ⁽²¹⁾, cujas ruínas hoje se podem observar, atingiu o seu apogeu no Séc. II da Era cristã. Quando Galeno aí exerceu a sua profissão, o elemento médico passou para o primeiro plano. Tornou-se um lugar de tratamento entre o sanatório, a estação climática e a estação termal. De toda a parte do mundo de então chegavam doentes atraídos pela fama das «curas miraculosas» onde não faltavam os tratamentos de banhos quentes e frios, águas minerais, dietas, sangrias, medicamentos purgativos e exercícios físicos, etc.

A parte isto, também se faziam tratamentos baseados no psiquismo, segundo a teoria de um outro médico célebre na antiguidade, Hipócrates.

Hipócrates, nascido em 459 ou 460 a. C., escreveu várias obras sobre cirurgia e aí se vê o emprego do bisturi e o ferro em brasa. É, porém, com Celso, Séc. I A. D. o que, depois de Hipócrates, concede à cirurgia cuidados especiais. Na sua obra, DAS ARTES, vêm indicadas mesmo operações e muitas intervenções operatórias usadas na época.

Foi no entanto Galeno (Séc. II A. D.), o grande médico da antiguidade clássica. Da escola de Galeno surgiu Antelo um dos melhores cirurgiões da antiguidade (Séc. III A. D.). Outros cirurgiões da época foram Téon, Zéon, Filigário, Possidónio, etc.

Pelo que diz respeito a Portugal, mais ou menos a partir da Idade do Ferro até ao Séc. II da Era cristã, podemos dizer que, segundo o testemunho de Estrabão, os Calaicos, à maneira dos Assírios ⁽²²⁾, expunham os doentes nas ruas à vista de quem passava para que os transeuntes que houvessem sofrido doenças iguais pudessem aconselhar qual o tratamento que o havia curado. Estrabão indica que

(21) Kerényi Karl, «Asklepios: Archtypal image of the Physicians Existence» (tradução do alemão), Londres, 1960.

— Image-documentação fotográfica médica-*La Roche & Cia*, Basileia Suíça, 1965.

(22) Estrabão-Geografia III.

as águas minero-medicinais tais como as *Aquae Coloniae*, *Aquae Originiae* e *Aquae Querquenae*, etc., foram utilizadas desde remotas eras como alívio para os padecentes de então. O próprio Deus Endovélico, da epigrafia lusitano-romana, testemunha o respeito pelo Deus padroeiro das Águas sagradas.

Nas termas de Vizela, por exemplo, o aparecimento, em lápidas, do Deus Bormânico, que indica «calor» ou «fervura», está de acordo com o carácter das águas termais e imediatamente ligado ao tratamento de doentes nessa época.

Plínio faz-lhes referências constantemente na sua monumental obra ⁽²³⁾.

Ao Deus Endovélico, por exemplo, existem ex-votos elucidativos de promessas de cura. Assim a lápida com o hemiplégico é exemplo dos mais frisantes. De resto as colecções de ex-votos espalhados pelos santuários peninsulares nesta época, bem demonstram a devoção dos pacientes pelos seus deuses da medicina.

As plantas medicinais da Ibéria são citadas desde longa data como remédio ou anestésico. A betónica, a dormideira, o funcho, etc., fazem parte desse grupo. É evidente que eram conhecidas e utilizadas antes da chegada dos romanos que, como sucedeu noutros capítulos, aprenderam ou utilizaram os conhecimentos dos povos autóctones à chegada da sua conquista ⁽²⁴⁾.

Os povos da Gália, aliás, faziam o mesmo que os peninsulares buscando no reino vegetal remédios e beberragens para a sua medicina ⁽²⁵⁾.

Com a chegada dos romanos desenvolve-se muito toda a actividade desde a comercial, até à industrial e à ciência em geral onde se incluía com muito cuidado a higiene e tratamento do corpo. É evidente que a medicina ganha entre os romanos um aspecto mais prático e incisivo.

⁽²³⁾ Plínio-Naturalis Historia, 1, IX, XXXI, cap. 2.º.

⁽²⁴⁾ John C. Allan, «A mineração em Portugal na Antiguidade». *Bol. de Minas II*, 3, 1965.

⁽²⁵⁾ G. Dottin, «Manuel de l'antiquité celtique», 2 ed. p. 36, Paris 1915.

O mais importante da medicina dos romanos é o emprego das águas minero-medicinais, pelo menos no nosso País. Cronologicamente devemos considerar as termas de Vizela como as mais antigas pois já o eram na época pré-romana. Ao Séc. I A. D. pertencem as *Aquae Flaviae* em Chaves, e os dois estabelecimentos termais de Olisipo, como o da Rua da Prata. A expressão *Aquae Flaviae* significa Termas de Flávio (Vespasiano). Ao Séc. III A. D. pertence a Fonte de Monte Real. Do Séc. III será o de Penafiel com as suas águas sulfúreas. As Termas das Pedras Negras, em Lisboa, foram restauradas no Séc. IV A. D. mas deveriam ser mais antigas. Não nos alongaremos na citação de mais termas enviando o leitor para o trabalho de J. Leite de Vasconcellos sobre a medicina dos Lusitanos ⁽²⁶⁾.

Há testemunhos inequívocos da Tutela do Deus da medicina, Asclépios, Aesculapius ou Esculápio no nosso País. Assim citamos a lápida consagrada a Esculápio, em São Tiago do Cacém e uma outra, em Braga dedicada a Aesclepio e a Higia.

A lápida de Santiago do Cacém é muito interessante pois refere-se a um médico do *Conventus Pacensis*, isto é, de Pax Julia, hoje Beja e foi consagrada ao Deus Esculápio. O médico chamava-se Cattio Januario ⁽²⁷⁾. É curioso notar, a este respeito, que os médicos de Roma, em geral, não eram homens livres como sucedia com os médicos gregos. O médico emeritense, *Conventus* de Merida, Lucius Cordius Symphorus, cujo cognome é grego, revela que foi um escravo liberto ⁽²⁸⁾.

Podemos, no entanto, indicar que numa inscrição hispalense vem a menção dum médico peninsular escravo, assim como uma outra da tarraconense nos fala dum médico que conseguiu ser liberto por ter grande categoria, com certeza, a inferir pela frase latina: *artis medicinae doctissimus*.

⁽²⁶⁾ J. Leite de Vasconcellos, «Medicina dos Lusitanos», *Faculdade de Medicina de Lisboa*, Lisboa, 1925.

⁽²⁷⁾ C. I. L., II, 21.

⁽²⁸⁾ C. I. L., II, 17 (nota), 189.

A arqueologia extra-peninsular tem-nos dado também referências a muitos médicos e parteiras.

Sobre a descoberta de apetrechos médicos ou de cirurgia veja-se, por exemplo, a descoberta de Estácio da Veiga, no Algarve, em Balsa, onde aquele arqueólogo encontrou farmacopólios de bronze e de pedra assim como abundantes instrumentos cirúrgicos ⁽²⁹⁾.

Leite de Vasconcellos ⁽³⁰⁾ cita a descoberta de espátulas, estiletos, pinças, cabos de escalpelos, etc. Os romanos chamavam à espátula o *specillum*, ao estilete o *stilus*, ao escalpelo o *scalpellus* e à pinça o *forceps*.

Ainda no capítulo da medicina dos romanos há indicações nas obras de Dioscorides, cirurgião dos exércitos de Nero que viveu por volta de 50 A. D., do emprego, como narcótico, do vinho de mandrágora ⁽³¹⁾ que era administrado antes das operações cirúrgicas ou das cauterizações. Era um processo de narcose por ingestão. Pensa-se que foi este vinho que fizeram ingerir a Jesus Cristo no calvário para lhe diminuir um pouco o sofrimento.

Da pequena síntese atrás deixada se nota que a pobre humanidade, desde o alvorecer da sua vida, lutou por debelar males físicos que a atormentavam, deitando mão de tudo o que pudesse minorar a sua dor física. Se compararmos o longo caminho percorrido até os tempos modernos verificamos quanto se tem avançado no capítulo da medicina e da cirurgia desde os tempos incertos e animalizados do *Atlantropus* até à moderna terapêutica antibiótica ou à alta cirurgia do coração de plástico.

⁽²⁹⁾ Todo este material está no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Museu Doutor Leite de Vasconcellos).

⁽³⁰⁾ J. Leite de Vasconcellos, «Religiões da Lusitânia» Op... cit...

⁽³¹⁾ Planta da família das solanáceas. Tem alcaloides como a *mandragoria* da fórmula C15 H19 O2 N que acompanha a *Hiosciamina* e a *Hioscina* na *Mandragora vernalis*. É planta que cresce no nosso País nos prados húmidos e incultos como em Vila Nova da Rainha, Grândola, Beja, Faro, etc. Os antigos atribuíam-lhe propriedades afrodisíacas e anestésicas.

É de facto de admirar tanto esforço dispendido para o homem se libertar do espectro da dor e, quiçá, da morte física.

RESUME

L'auteur présente une synthèse sur les connaissances de médecine dans l'antiquité. Il s'agit d'un travail simple destiné aux élèves de médecine et d'anthropologie des Facultés et d'Écoles portugaises.